



ESHOJE[®]

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 10 de julho de 2026)) Ano XXV)) N° 1339
Edição Gratuita Semanal)) www.eshoje.com.br

/eshoje @eshoje eshoje eshoje

POLÍTICA

Professor Fabian quer o 2º voto da esquerda)) 5



ILUSTRAÇÃO IA

COLUNA

Sem imprensa livre, nada vai mudar)) 7



DIVULGAÇÃO

ESHOJE2

Arte Naïf de Cuba para o ES)) 9



DIVULGAÇÃO

Quase R\$ 800 mi travados por indícios de fraude no ES

Suspensões de quatro licitações entre abril e julho impediram que contratos fossem adiante, reforçando o controle preventivo do dinheiro público capixaba)) 3



REPRODUÇÃO

DIVULGAÇÃO

MUDANÇAS CLIMÁTICAS DESAFIÁM SUS CAPIXABA)) 4

Calor, enchentes e secas elevam riscos de doenças e aceleram adaptação da rede pública para responder às emergências climáticas

TRIO DA GR CAPIXABA CONQUISTA TÍTULO HISTÓRICO

Ginastas superam o pouco tempo de treino e vencem no Paraguai)) 8

CONHEÇA O CHARME DOS VINHOS ARTESANAIS

Pequenos produtores unem técnica e história em grandes rótulos)) 10

FOTO DA SEMANA



DIVULGAÇÃO

Cerca de mil produtos vencidos e impróprios para o consumo foram apreendidos durante uma fiscalização realizada nesta segunda-feira (6) e terça-feira (7) em duas distribuidoras de alimentos e bebidas de Vila Velha. A ação ocorreu após denúncias feitas por consumidores.

EDITORIAL

Unidos pelo hexa... E agora?

Durante algumas semanas, o Brasil voltou a viver uma cena rara. Nas ruas, nas empresas, nas escolas e nas redes sociais, milhões de brasileiros vestiram a mesma camisa, cantaram o mesmo hino e alimentaram o mesmo sonho: conquistar o hexacampeonato mundial.

A eliminação para a Noruega nas oitavas de final encerrou esse sonho. Mas deixou uma pergunta que talvez seja mais importante do que o resultado esportivo: por que conseguimos nos unir por um time de futebol, mas parecemos incapazes de fazer o mesmo pelo futuro do país?

A resposta não é simples.

O futebol cria uma identidade coletiva imediata. Durante uma Copa do Mundo, pouco importa em quem cada torcedor votou, qual sua religião, sua renda ou sua visão de mundo. Existe um objetivo comum que supera as diferenças. O adversário está do outro lado do campo.

Na política, porém, o adversário costuma estar do outro lado da mesa, da rua, da igreja, do grupo de WhatsApp e, muitas vezes, dentro da própria família.

As eleições de 2026 prometem recolocar o Brasil diante de um cenário conhecido. A polarização continuará ocupando espaço no debate público. Redes sociais favorecerão discursos cada vez mais emocionais. Algoritmos continuarão premiando indignação, ataques e certezas absolutas. Nesse ambiente, o outro deixa de ser apenas alguém que pensa di-

ferente para se tornar um inimigo a ser derrotado.

Esse talvez seja o maior risco para uma democracia.

O filósofo francês Alexis de Tocqueville já alertava que sociedades livres dependem da capacidade de seus cidadãos aprenderem a conviver com diferenças. Democracia nunca significou unanimidade. Significa administrar conflitos sem destruir a convivência.

O sociólogo Zygmunt Bauman observava que a sociedade contemporânea tem cada vez mais dificuldade em dialogar com quem pensa diferente. Em vez de construir pontes, preferimos viver entre pessoas que confirmam nossas próprias convicções.

O resultado é um país que conversa menos e acusa mais. Mas seria possível viver uma eleição sem romper a unidade nacional?

Sim, desde que compreendamos uma diferença fundamental: unidade não significa uniformidade.

Uma nação madura não é aquela em que todos votam no mesmo candidato. É aquela em que cidadãos conseguem reconhecer a legitimidade do voto alheio, respeitar o resultado das urnas e continuar dividindo os mesmos espaços públicos no dia seguinte.

Países fortes não eliminam divergências. Eles criam instituições e uma cultura política capazes de impedir que diferenças ideológicas destruam relações pessoais e o sentimento de pertencimento nacional.

O Brasil ainda está aprendendo essa lição. Talvez a Copa tenha mostrado algo valioso. Enquanto a bola rolava, ninguém perguntava em quem o vizinho votava antes de comemorar um gol. Bastava que fosse brasileiro.

Quando a eleição chegar, continuaremos discordando sobre projetos, ideias e candidatos. Isso faz parte da democracia. O que não pode fazer parte dela é transformar adversários em inimigos permanentes.

A derrota para a Noruega acabou com o sonho do hexa. As eleições não precisam acabar com algo muito mais importante: nossa capacidade de continuar sendo um só país depois da apuração dos votos.

A verdadeira vitória de uma democracia não acontece quando um candidato vence. Ela acontece quando, terminada a disputa, a nação permanece unida o suficiente para construir, em conjunto, o futuro que nenhum governo conseguirá realizar sozinho.

ESPAÇO DO LEITOR

Acolhimento a migrantes

Migrar envolve expectativas e projetos de vida, mas também revela contradições de uma realidade marcada por desigualdades e pela fragilidade das redes de proteção. Por isso, devemos refletir sobre os deslocamentos humanos para além das fronteiras geográficas. O Brasil foi historicamente constituído por diferentes fluxos migratórios. Hoje, milhares de pessoas chegam ao país em busca de melhores oportunidades, muitas vezes fugindo de conflitos, crises econômicas ou situações de extrema vulnerabilidade. Acolher quem atravessa fronteiras significa reafirmar que direitos não podem depender da origem ou nacionalidade. Uma sociedade democrática precisa garantir mecanismos de integração e combater práticas que submetem pessoas a processos exploratórios e/ou de exclusão. Esse compromisso exige políticas públicas específicas para a população migrante, com ações nas áreas de assistência social, saúde, educação, regularização documental, moradia e inserção profissional, além do fortalecimento da fiscalização contra violações que atingem trabalhadores brasileiros e estrangeiros. Garantir que aqueles que chegam ao país possam reconstruir suas trajetórias é parte da construção de uma democracia que não transforme a vulnerabilidade em destino.

Reginaldo Ghiraldelli

Boas decisões

É um erro imaginar que decidir bem seja escolher “pela razão” e excluir as emoções. Emoções não são inimigas da lucidez, visto que elas trazem informações valiosas. O problema surge quando dominam completamente o processo ou quando são ignoradas. Boas decisões exigem, portanto, equilíbrio entre razão e emoção. O mesmo vale para instinto e intuição. O instinto é mais primário, ligado à sobrevivência. Já a intuição costuma vir da experiência e da leitura sutil de padrões. Ambos podem ajudar, mas não devem substituir a análise criteriosa em decisões complexas. Mas veja, tão importante quanto saber decidir é saber quando não decidir. Cansaço, estresse, fome, prazos curtos ou excesso de informação comprometem a qualidade das escolhas, levando o cérebro a buscar alívio imediato ao in-

vés de boas decisões. Por isso, também é essencial buscar dados confiáveis, reconhecer vieses inconscientes, alinhar a decisão aos seus valores e objetivos de longo prazo e considerar seu impacto no coletivo. Afinal, decidir nunca é um ato neutro e as nossas escolhas individuais também reverberam nos outros. Tomar uma boa decisão não é um processo simples. Por isso mesmo em meu livro “Neurociência Positiva”, dedico todo um capítulo a essa tão importante Função Executiva e apresento um fluxograma de tomada de decisão não para dar respostas prontas, mas para estimular perguntas melhores. Porque a qualidade da decisão depende menos de certezas imediatas e mais de clareza. Treinar essa habilidade é treinar a forma como conduzimos a própria vida.

Juliana Zellaury

Antirracismo

Durante muito tempo, a luta contra o preconceito racial foi equivocadamente vista, por muitos, como uma pauta identitária exagerada, comumente chamada de mimimi. No entanto, o racismo não é um fenômeno natural; é uma construção social e sistêmica que estrutura privilégios e desvantagens. É uma instância de poder criada e sustentada pelos brancos que, por isso, têm o dever ético de atuarem ativamente na sua desconstrução. Não basta mais se ancorar em frases feitas e ridículas como: “tenho amigos negros” ou “os negros são mais racistas que os brancos”. Em uma sociedade estruturalmente desigual, a neutralidade acaba sendo uma forma de conivência. Não ser racista, mas ser cúmplice de racismo, ao final, é a mesma coisa. Abraçar o discurso antirracista exige que o indivíduo branco saia da zona de conforto e reconheça sua branquitude como um lugar de privilégio simbólico e material. O antirracismo não é sobre culpa, que é um sentimento paralisante, mas sobre responsabilidade, que funciona como um motor para a mudança real. Reconhecer o próprio privilégio e usá-lo para abrir portas e derrubar muros é o ato mais honesto e corajoso que uma pessoa branca pode realizar hoje. Nós negros precisamos de vocês brancos nesta batalha. Mexam-se.

Du Prazeres

Quase R\$ 800 mi travados por suspeitas de fraudes

Suspensões de licitações evitaram contratos de R\$ 771 milhões entre abril e julho no ES

Redação Multimídia
redacao@eshoje.com.br

Em menos de quatro meses, o Tribunal de Contas do Estado do Espírito Santo (TCE-ES) suspendeu licitações que, juntas, somam R\$ 771,1 milhões. As medidas cautelares, adotadas entre abril e julho deste ano, atingiram processos de contratação de obras de engenharia, estruturas para eventos e registros de preços conduzidos por consórcios intermunicipais e prefeituras. O objetivo é impedir que contratos com indícios de irregularidades avancem antes da conclusão da análise técnica.

O caso mais recente envolve a Concorrência Eletrônica nº 001/2026, promovida pelo Consórcio Público Intermunicipal de Desenvolvimento Sustentável do Território Capixaba (Consórcio Caparaó). O certame, estimado em R\$ 308,2 milhões, previa a formação de ata de registro de preços para obras e serviços de engenharia, incluindo pavimentação, drenagem, limpeza e desassoreamento de cursos d'água.

Por unanimidade, a Primeira Câmara do TCE-ES determinou a suspensão do processo após identificar indícios de ilegalidades na estrutura da licitação. Entre os problemas apontados estão a diversidade dos serviços reunidos em uma única contratação, ausência de projetos padronizados e uso

inadequado do Sistema de Registro de Preços para um conjunto de obras que exigiria planejamento específico.

Em seu voto, a relatora, conselheira Márcia Jaccoud Freitas, destacou que a planilha orçamentária reúne serviços com características técnicas distintas, incompatíveis com um objeto padronizado. Segundo ela, a continuidade da concorrência poderia resultar na celebração de contratos superiores a R\$ 300 milhões baseados em um modelo com "robustos indícios de ilegalidade", tornando necessária a interrupção preventiva do certame.

O Consórcio Caparaó integra uma sequência de grandes licitações suspensas pelo Tribunal neste ano. Em junho, o TCE-ES interrompeu uma ata de registro de preços do Consórcio CIM Polo Sul, avaliada em R\$ 213,8 milhões, destinada à contratação de estruturas para eventos.

No mesmo mês, uma contratação da Prefeitura de Vila Velha, estimada em R\$ 170,9 milhões para serviços de engenharia, também foi suspensa. Em abril, outro processo, desta vez do Consórcio CIM Norte, no valor de R\$ 78,2 milhões, foi barrado por falhas na pesquisa de preços. Somados, os quatro casos representam R\$ 771,1 milhões em contratações submetidas à revisão da Corte.

PRINCIPAIS IRREGULARIDADES

Embora cada processo tenha características próprias, o histórico recente revela um padrão nas irregularidades identificadas pelos auditores. As falhas mais recorrentes envolvem ausência de parcelamento do objeto, pesquisas de preços inconsistentes, exigências restritivas nos editais e problemas na formação de consórcios empresariais. Também chamam a

SAIBA MAIS

O tamanho do impacto

- R\$ 771,1 milhões em licitações suspensas entre abril e julho de 2026.
- 4 grandes certames interrompidos no período.
- MAIOR licitação suspensa: Consórcio Caparaó (R\$ 308,2 milhões).
- PRINCIPAIS irregularidades: falta de parcelamento do objeto, pesquisas de preços deficientes, exigências restritivas e falhas na formação de consórcios.
- 15% a 20% das representações com indícios consistentes resultam em medidas cautelares, segundo estimativa do TCE-ES.



Tribunal de Contas do ES suspendeu pelo menos quatro grandes licitações nos últimos 3 meses

atenção procedimentos de registro de preços utilizados em situações que, segundo o Tribunal, não apresentam a imprevisibilidade exigida pela legislação.

Levantamento do próprio TCE-ES aponta ainda um crescimento das cautelares envolvendo consórcios intermunicipais. A Corte identificou o uso dessas estruturas para promover contratações de grande porte sem o planejamento técnico considerado adequado, especialmente em municípios de menor porte. Segundo o Tribunal, a atuação preventiva busca evitar da-

nos ao erário antes da assinatura dos contratos, preservando a competitividade das licitações e a correta aplicação dos recursos públicos. A decisão cautelar, contudo, não representa julgamento definitivo sobre a legalidade dos processos, que continuam em análise.

Por que licitações são suspensas

AS MEDIDAS cautelares do Tribunal de Contas do Estado (TCE-ES) costumam ser motivadas por falhas que comprometem a competitividade, a economicidade ou a legalidade das licitações. A análise dos casos recentes mostra que quatro problemas aparecem com maior frequência.

O primeiro é a ausência de parcelamento do objeto. Em vez de dividir serviços distintos em lotes, alguns editais concentram atividades de naturezas diferentes em uma única contratação, reduzindo

a concorrência e favorecendo empresas de grande porte.

Outro motivo recorrente são as pesquisas de preços inconsistentes. Quando os valores de referência não refletem o mercado ou são elaborados sem metodologia adequada, aumenta o risco de sobrepreço e de desperdício de recursos públicos.

Também são alvo de questionamentos as exigências excessivas de qualificação técnica. Cláusulas consideradas restritivas podem impedir a participação de empresas aptas,

comprometendo a ampla concorrência prevista na Lei de Licitações.

O quarto grupo de irregularidades envolve vícios na formação de consórcios empresariais ou na utilização de consórcios públicos para grandes registros de preços sem planejamento suficiente.

Segundo o TCE-ES, as cautelares têm caráter preventivo e não significam condenação dos gestores. O objetivo é impedir que contratos potencialmente irregulares sejam assinados antes da conclusão da análise técnica.

Consórcios entram na mira do TCE

OS CONSÓRCIOS públicos intermunicipais passaram a concentrar parte significativa das medidas cautelares expedidas pelo TCE-ES em 2025 e 2026. O movimento reflete uma preocupação da Corte com licitações de grande porte realizadas para atender simultaneamente diversos municípios.

Segundo levantamento do TCE-ES, houve aumento das suspensões relacionadas a registros de preços milionários conduzidos por con-

sórcios. A avaliação dos auditores aponta que, em alguns casos, essas estruturas foram utilizadas para centralizar contratações de grande volume sem o planejamento técnico exigido pela legislação.

Entre os casos recentes estão o Consórcio Caparaó, que teve suspensa uma licitação de R\$ 308,2 milhões para obras de engenharia; o CIM Polo Sul, com uma ata de R\$ 213,8 milhões voltada à contratação de estruturas para eventos; e o CIM

Norte, cuja licitação de R\$ 78,2 milhões foi interrompida por problemas na pesquisa de preços.

Para o Tribunal, o foco das cautelares é garantir que grandes contratações observem critérios de planejamento, transparência e competitividade antes da assinatura dos contratos. O entendimento da Corte é que prevenir irregularidades nessa etapa reduz riscos de prejuízos ao erário e evita litígios mais complexos no futuro.



DIVULGAÇÃO

“A suspensão do certame é uma medida preventiva crucial para evitar a consolidação de um dano de difícil e custosa reparação ao erário”

MÁRCIA FREITAS, TCE-ES

DIVULGAÇÃO

No ES, calor e enchentes pressionam saúde pública

Estado adapta protocolos enquanto Ministério prepara SUS para eventos climáticos extremos

GIULIA REIS

jornalismo@eshoje.com.br

Entre os móveis e as roupas que a enchente levou da casa da autônoma Maysa Britis Assunção, em Nova Brasília, Cariacica, estavam também os remédios que ela precisava manter à mão. Depois que a água baixou, ficou o trabalho de limpar a casa, reconstruir parte da rotina e lidar com os riscos deixados pelo contato com a água contaminada.

A experiência vivida por Maysa está longe de ser um caso isolado. Enchentes, ondas de calor, secas e queimadas têm se tornado mais frequentes e trazido consequências que vão além dos prejuízos materiais. Os reflexos chegam rapidamente às unidades de saúde e motivaram o Ministério da Saúde a lançar o Plano de Adaptação do Setor Saúde à Mudança do Clima, conhecido como AdaptaSUS, que pretende preparar o Sistema Único de Saúde (SUS) para responder aos efeitos das mudanças climáticas.

Para a epidemiologista e doutora em Saúde Coletiva Ethel Maciel, a relação entre clima e saúde ganhou espaço nos últimos anos porque os impactos passaram a ser percebidos de forma cada vez mais direta pela população e pelos serviços de saúde.

Segundo ela, durante muito tempo, as pesquisas sobre mudanças climáticas estiveram concentradas nos efeitos sobre a agricultura e a infraestrutura. Mais recentemente, a saúde passou a ocupar um lugar central nesse debate. A COP30, realizada no Brasil no ano passado, dedicou um dia inteiro às discussões sobre o tema, refletindo uma preocupação que já vinha crescendo internacionalmente.

"Hoje a saúde é um dos setores



DIVULGAÇÃO

“O setor da saúde sente os impactos das mudanças climáticas de forma imediata”

ETHEL MACIEL, doutora

que sente esses impactos de forma mais imediata, porque é para os serviços de saúde que as pessoas recorrem quando enfrentam as consequências das enchentes, das ondas de calor, das secas e das queimadas", explica.

De acordo com levantamento do Lancet Countdown, citado pela pesquisadora, o Brasil registrou, em média, cerca de 3,6 mil mortes por ano relacionadas aos impactos das mudanças climáticas entre 2012 e 2021. Os dados ainda são nacionais, mas, segundo Ethel, o Ministério da Saúde começou a estruturar um trabalho para produzir indicadores estaduais.

PROBLEMAS DE SAÚDE

Os efeitos variam conforme o tipo de evento climático. Durante períodos de calor intenso, aumentam os casos de desidratação e de doenças cardiovasculares, como infarto e acidente vascular cerebral (AVC). Já a seca favorece as queimadas, piorando a qualidade do ar e agravando doenças respiratórias, especialmente entre pessoas com asma e doença pulmonar obstrutiva crônica. Quando há necessidade de armazenar água por longos períodos, cresce também o risco de doenças transmitidas pela água, caso esse armazenamento seja feito de forma inadequada.

Nas enchentes, Maciel explica que o principal problema é a exposição à água contaminada, que aumenta a ocorrência de doenças infecciosas, entre elas a leptospirose e outras enfermidades de veiculação hídrica.

AVC cresceu 12% no verão

O ES já desenvolve ações para adaptar a rede pública de saúde aos impactos das mudanças climáticas e deverá incorporar as diretrizes do novo plano nacional às estratégias que já estão em andamento.

Um dos reflexos desse cenário já foi percebido durante o verão. Dados da Secretaria de Estado da Saúde (Sesa) mostram que o Hospital Estadual Central, em Vitória, registrou aumento de 12% nos atendimentos por acidente vascular cerebral (AVC) entre 15 de dezembro de 2024 e 15 de fevereiro de 2025, na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Segundo a secretaria, o calor excessivo favorece a desidratação, dificulta a circulação do sangue e aumenta o risco de formação de coágulos, principalmente entre pessoas com hipertensão e diabetes.

A pasta informou que já possui



REPRODUÇÃO

No calor intenso, aumentam casos de doenças cardiovasculares

Embora toda a população esteja sujeita aos efeitos desses eventos, alguns grupos exigem atenção especial. Crianças menores de cinco anos, idosos e pessoas com diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares, câncer e doenças respiratórias apresentam maior risco de desenvolver complicações.

Para a pesquisadora, preparar o sistema de saúde vai além de ampliar o atendimento durante as emergências. Ela defende protocolos permanentes para acompanhar quem integra esses grupos de maior vulnerabilidade. "Outros

países mantêm contato frequente com essas pessoas durante os períodos de calor extremo, orientam sobre hidratação e disponibilizam espaços refrigerados para que a população consiga reduzir a temperatura corporal. São estratégias que ajudam a evitar agravamentos", destaca.

Ela também cita a abertura de escolas, shoppings e outros espaços climatizados durante ondas de calor, além da distribuição de água em regiões atingidas pela seca e do fortalecimento das ações de orientação à população.

“É para os serviços de saúde que as pessoas vão diante dos efeitos das enchentes e secas”

dos sistemas de monitoramento climático e de saúde; e a descentralização da capacidade laboratorial do Laboratório Central de Saúde Pública do Espírito Santo (Lacens-ES) para reduzir o tempo de resposta durante emergências.

Os dados da secretaria também mostram aumento das internações pelo Sistema Único de Saúde (SUS) por desidratação no Espírito Santo. Foram 52 registros em 2021, 55 em 2022, 74 em 2023 e 100 tanto em 2024 quanto em 2025.

Estado aposta em adaptação climática

A ADAPTAÇÃO às mudanças climáticas também faz parte do planejamento ambiental do Espírito Santo. Segundo a Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Seama), o Estado desenvolve essa estratégia por meio do Programa Capixaba de Mudanças Climáticas e do Plano Estadual de Adaptação às Mudanças Climáticas.

Entre as ações previstas estão a incorporação da resiliência climática às políticas públicas, incluindo o fortalecimento dos sistemas de monitoramento e alerta, a integração de informações climáticas e epidemiológicas, o apoio aos municípios na elaboração de planos locais de adaptação e a articulação entre diferentes órgãos estaduais.

O plano também identifica vulnerabilidades distintas entre as regiões capixabas. Na Grande Vitória, os principais desafios estão relacionados às ilhas de calor, enchentes, impermeabilização do solo, erosão costeira e elevação do nível do mar. Já no interior predominam os riscos associados à estiagem, à escassez hídrica e aos impactos sobre a produção agrícola, enquanto áreas de encosta permanecem mais suscetíveis a deslizamentos e enxurradas.

De acordo com a coordenadora de Mudanças Climáticas da Seama, Juliana dos Reis, fortalecer a capacidade de adaptação é uma das prioridades para reduzir os impactos desses eventos sobre a população e aumentar a resiliência dos municípios diante de um cenário de mudanças climáticas cada vez mais frequentes.



DIVULGAÇÃO

Nas enchentes, crescem casos de doenças infecciosas

BASTIDORES DA POLÍTICA

Cabelo em pé

DIVULGAÇÃO



Pesquisa em Cariacica incomodou grupos políticos

Uma pesquisa de consumo interno realizada no município de Cariacica estaria incomodando dois fortes grupos políticos. A cidade é o terceiro maior colégio eleitoral do Estado.

Gargalhando alto!

Se tem gente com medo, o prefeito de Cariacica está afiado. Riu alto, em uma resposta para lá de debochada, ao ser questionado sobre o que achou da fala do deputado federal

Helder Salomão, que afirmou ter preparado a cidade, quando prefeito, para o momento que ela vive hoje. Euclério Sampaio riu e lembrou que o ex-prefeito do PT deixou a Prefeitura em 2012. "O povo sabe fazer conta!", limitou-se a dizer.

Falando em...

...Cariacica, não convidem o prefeito Euclério Sampaio (MDB) para o mesmo evento que o antecessor, Juninho Luzia.

Alinhamento à esquerda

Antes de anunciar que concorreria ao Senado, Carlos Fabian e a direção do PSOL se encontraram com o senador Fabiano Contarato e o deputado federal Helder Salomão. Teriam ouvido dos petistas a aprovação para que o Professor Fabian disputasse a eleição e reunisse a militância da esquerda. O nome do PSOL busca o segundo voto de Contarato ao Senado e conta com o apoio de uma corrente petista. A orientação da direção nacional, porém, é apoiar Fabiano Contarato e Renato Casagrande (PSB). Assista

ao EntreVistas com o Professor Fabian no canal do **ES Hoje**.

Pesquisa eleitoral

A convite do ministro Kassio Nunes Marques, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o empresário Erasmo Lima, proprietário do Instituto Perfil — responsável pelas pesquisas publicadas pelo **ES Hoje** — participará de uma reunião no TSE, no próximo dia 14 de julho. O tema será a metodologia das pesquisas eleitorais.

Alinhamento à direita (I)

Pela direita, o alinhamento entre PL e Republicanos foi concluído. Durante as negociações, segundo um filiado ao PL, o senador Magno Malta consultou os mandatários do partido sobre o apoio a Lorenzo Pazolini. O único que defendia essa aliança desde o início era o deputado federal Gilvan. A fonte liberal afirma que há uma justificativa: um acordo pessoal com Erick Musso.

Alinhamento à direita (II)

Se a polarização será a estraté-

gia no Espírito Santo, a aliança com o PL transforma a candidatura de Lorenzo Pazolini (Republicanos) ao Governo do Estado na principal união da direita.

Mais sobre o PL (I)

Voltando a Gilvan da Federal, que tentou viabilizar sua candidatura ao Senado — e chegou a dizer que era "fake news" da coluna quando informamos que ele não teria esse espaço —, agora corre o risco de não disputar nem a reeleição. Sua permanência na chapa do partido para deputado federal é cercada de incertezas. Gilvan está inelegível por violência política de gênero, mas pode concorrer sub judice enquanto aguarda o julgamento dos recursos no Tribunal Superior Eleitoral. Se o TSE mantiver o entendimento do TRE-ES, ele e toda a chapa poderão perder os votos. E as vagas!

Mais sobre o PL (II)

Nesta sexta-feira (10), o PL do Espírito Santo realiza uma reunião em território capixaba, da qual deverá sair o anúncio ofi-

cial sobre o posicionamento eleitoral do partido para 2026 em relação ao Republicanos.

Mais uma do PL (III)

Quem não estará na chapa do PL para deputado federal é o vereador Darcio Bracarense. Poderia ser, justamente pelo que diz a nota anterior, mas o edil foi colocado na chapa de deputado estadual e, a depender da votação, pode se tornar a aposta do partido para as eleições municipais de 2028.

Esquentando

As convenções partidárias começam no dia 20 de julho, mas, no dia 18, o clima já estará quente no Estado com eventos promovidos pelo PL e pelo PSD, que contarão, respectivamente, com as presenças de Flávio Bolsonaro e Gilberto Kassab.

Alô, servidor!

Você que ocupa um cargo público e está desviando dinheiro de cooperativa, o Ministério Público e o Tribunal de Justiça do Espírito Santo já estão na sua cola! E a coluna, acompanhando...

Somos diário. Seja no impresso ou no digital

Aqui você realiza, no melhor preço de mercado, a sua publicação legal.



O Espírito Santo tem
identidade, tem raiz,
tem voz e o ES Hoje
conta tudo de forma

**REAL,
PLURAL
E ATUAL.**



Vem pocar com a gente!



HUGO BORGES

João Gualberto

Redação@eshoje.com.br



Michelle e a fragmentação da direita

Há alguns meses, os eleitores brasileiros acreditavam que, nas eleições presidenciais de 2026, haveria duas candidaturas, representando cada um dos lados da polarização eleitoral.

O lado da esquerda, o de Lula, candidato a reeleição, e o atual governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, representando a direita. Falava-se, no caso dessa construção da direita, que a candidata a vice-presidente poderia ser a ex-primeira dama Michelle Bolsonaro.

Esse edifício político, construído cuidadosamente ao longo dos últimos anos, ruiu de um só golpe quando o ex-presidente Jair Bolsonaro sacou da algibeira o nome de seu filho, Flávio Bolsonaro, como o representante do clã no processo eleitoral. Em um mesmo movimento, foi retirado do páreo aquele que era considerado o mais competitivo quadro da direita brasileira e colocado em risco o seu êxito em competição apertada. Mas, houve um outro movimento.

Inicialmente, o nome do senador Flávio Bolsonaro só foi bem re-

cebido pelo PT, já que Lula nunca acreditou que ele pudesse ter a mesma força que Tarcísio e que seria um candidato mais frágil. Foi quando Flávio começou a crescer. Nos levantamentos estatísticos feitos por pesquisas de opinião a partir do mês de março, o novo candidato do PL começou a crescer, ameaçando seriamente a imaginada facilidade de Lula. Os números foram ficando cada vez mais favoráveis ao jovem senador.

Foi quando surgiu a questão da presença financeira do enroladíssimo ex-banqueiro Daniel Vercaro no financiamento de um filme sobre a vida do ex-presidente Bolsonaro, com óbvias intenções eleitorais. As cifras do financiamento do filme são pornográficas, de tão alto valor, o que leva todos a pensar que o dinheiro teria outra finalidade dentro do clã. O trajeto tortuo-

so dos recursos, passando pelos EUA, em um percurso no mínimo inusitado, fez com que a candidatura de Flávio Bolsonaro sofresse o primeiro abalo.

Desde então, eu tenho chamado a atenção para o fato de que a candidatura de Flávio vai derreter. Isso porque a gestão inesperada de um desembargador presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro começou a levantar muitos problemas na política daquele Estado. Toda a malha que vinha caindo nas apurações no Rio de Janeiro era de aliados do senador pelo Rio. Sempre imaginei que chegaria nele, por todas as evidências. As milícias cariocas tinham representação, através do Capitão Adriano da Nóbrega, dentro do seu gabinete da Alerj, por exemplo.

Diante da desconstrução de uma narrativa potente e dos erros de condução política de Eduardo Bolsonaro, que insiste em construir potência em um acordo com o instável presidente Donald Trump, foi ficando claro para os que acompa-

nam o quadro eleitoral que estavam surgindo muitos problemas para um candidato imposto pelo líder máximo da direita brasileira. As candidaturas de Ronaldo Caiado, Romeu Zema e Renan Santos foram começando a minar, ainda que timidamente, o maior candidato das direitas. Todo esse enfraquecimento gradual talvez precisasse de um empurrão definitivo para o vácuo; esse é o papel a que se destina Michelle Bolsonaro nesse momento.

Ela tem uma liderança construída em cima de seu perfil de mulher evangélica conservadora, com ideias próprias desse contexto social, mas com inegável apelo eleitoral. O jovem senador parece mesmo ser um homem arrogante, afinal, faz parte do perfil familiar a misoginia, tanto é que o pai sempre precisou da intervenção da esposa para trazer mulheres para o seu eleitorado. Com a passagem dada pelo marido e com sua habilidade e esperteza, foi crescendo dentro do quadro de uma nascen-

te direita brasileira, muito ligada a valores da família tradicional.

Foi assim que ela chegou à presidência do PL mulher e passou a fazer longas viagens por todo o Brasil para trazer essa importante fração dos eleitores para a liderança de um machista tóxico. Deu certo. Ela, uma vez que o marido está em prisão domiciliar, sonhou ser a “assinatura Bolsonaro” da campanha de Tarcísio de Freitas. Isso trouxe a público desavenças familiares há muito levantadas pelas mídias.

Entretanto, ninguém esperava a hostilidade explícita dos seus últimos movimentos. Michelle visivelmente aposta na desintegração da candidatura de Flávio Bolsonaro. Mais do que isso, quer trazer para a sua galeria de troféus esse grande feito: ter sido ela a responsável pelos tiros de misericórdia nas pretensões do enteado. Parece que está dando certo, e ela vai se preservando para a continuidade do jogo político, mostrando que tem dedo para mexer no tabuleiro e expertise para pretensões mais altas.

COLUNA FEU ROSA

Imprensa livre

Dizem que a humanidade padece sob uma corrupção tão endêmica quanto histórica. Geme por conta dos péssimos sistemas de saúde. Chora por não dispor de saneamento básico adequado. Desespera-se com problemas vários de infraestrutura e administração. E até testemunha a fome assassinar uma criança a cada cinco segundos.

Há quem diga serem estes os grandes desafios da raça humana. Peço licença para, humildemente, discordar. Estes não são problemas, mas meras consequências. São efeitos, na verdade. Efeitos da falta de uma imprensa livre e transparente.

Sim, é aqui, defendendo o direito humano de acesso à informação, que deveremos travar a maior de nossas batalhas em defesa da cidadania e da eficiência. Afinal, como disse Thomas Jefferson, "onde a imprensa é livre e todo homem é capaz de ler tudo está salvo".

A imprensa não é livre quando vinculada a poderosos grupos econômicos, cujos interesses quase sempre se sobrepõem aos da população. A imprensa não é livre quando depende da ajuda financeira de governos. A imprensa não é livre quando sujeita a uma censura disfarçada por parte do sistema legal. A imprensa não é livre quando utilizada pelo poder político e econômico como instrumento de dominação de países inteiros.

É paradoxal: em tempos de Internet e globalização a humanidade depara-se com sua maior crise - a do acesso à informação. Olhe ao redor e perceba

que, no mundo, apenas uma a cada sete pessoas vive em países nos quais as notícias são livremente divulgadas - e não estão incluídos neste cálculo os mecanismos mais sutis de controle dos meios de comunicação, aos quais me referi, e nem os casos de quase monopólio de divulgação de notícias.

Precisamos, assim, enquanto humanidade, conceber leis que protejam a imprensa da influência inadequada do poder político e econômico e dos mecanismos de censura disfarçada. Leis que obriguem cada veículo de comunicação a informar a população sobre as origens de seu faturamento. Leis que imponham ampla transparência na atividade de estabelecer o que é e o que não é notícia. Leis que impeçam práticas monopolistas nos meios de comunicação. Leis que obriguem a divulgação dos vínculos profissionais dos formadores de opinião e de suas famílias.

Avançar nesta seara é trabalho para os séculos - e prova de maturidade dos povos!

PEDRO VALLS FEU ROSA
Desembargador do TJES

ARTIGO

A decisão de perdoar

A palavra “perdoar” tem origem no latim *perdonare*, formada por *per* (completamente) e *donare* (doar, conceder). Em sua essência, significa abrir mão do ressentimento, liberar uma dívida emocional e conceder ao outro — e a si mesmo — a oportunidade de seguir em frente.

Mas será que perdoar é apenas um ato de bondade? Ou também uma decisão inteligente?

Na tradição cristã, o perdão ocupa papel central. Quando Pedro perguntou a Jesus quantas vezes deveria perdoar quem o ofendesse, sugerindo sete vezes, ouviu uma resposta surpreendente: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete”.

A mensagem não tratava de matemática, mas de uma disposição permanente para o perdão. Mais que um gesto isolado, perdoar é uma postura diante da vida.

A psicologia moderna reforça essa visão. Estudos mostram que pessoas capazes de perdoar tendem a apresentar menores níveis de estresse, ansiedade e sofrimento emocional. Guardar mágoa é como carregar uma mochila cheia de pedras: quem mais sofre é quem a transporta. Perdoar não muda o passado, mas pode transformar o presente e o futuro.

Entretanto, perdoar não é fácil. Orgulho, dor e senso de justiça tornam esse caminho desafiador. Muitos confundem perdão com fraqueza quando, na verdade, costuma ser o contrário. Vingá-lo é impulsivo; perdoar exige maturidade, autocontrole e grandeza emocional.

Os filósofos Leandro Karnal e Mario Sergio Cortella defendem que perdoar é uma escolha racional, não um esquecimento. Perdoar

não significa apagar o que aconteceu, mas libertar-se do peso do rancor.

No álbum fotográfico *A Paz no Mundo Começa Dentro de Nós*, fruto de minha experiência na Terra Santa durante o conflito entre judeus e árabes, destaquei uma ideia que continua atual: toda paz coletiva nasce primeiro dentro de cada indivíduo. Uma sociedade mais pacífica depende de pessoas capazes de superar ressentimentos.

No ambiente empresarial, o perdão também tem valor. Empresas inovadoras convivem com erros, tentativas e aprendizados. Líderes que punem qualquer falha criam equipes inseguras; os que diferenciam erro de má-fé constroem ambientes mais criativos e produtivos.

Perdoar, porém, não é ser negligente. Não significa esquecer, aprovar comportamentos inadequados nem abrir mão da responsabilidade. É possível perdoar e, ao mesmo tempo, estabelecer limites.

Talvez a maior inteligência do perdão esteja justamente nisso: libertar-se da mágoa sem abandonar a prudência.

Ao final, fica a reflexão: quem mais ganha quando você perdoa: a pessoa que errou ou você mesmo?

LUCAS IZOTON
Engenheiro e empresário

ARQUIVO PESSOAL

Agatha Cuel Monteiro, Sophia Louback e Luiza Traspadini conquistaram a medalha de ouro na Copa Sul-Americana de Ginástica Rítmica 2026, disputada em Assunção, no Paraguai, na categoria Trio Adulto



Capixabas conquistam o ouro continental

Trio de ginastas teve somente um mês de preparação para competição disputada no Paraguai; o entrosamento aconteceu em tempo recorde

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
redacao@eshoje.com.br

Com apenas 1 mês de treino, as ginastas capixabas Agatha Cuel Monteiro, Sophia Louback e Luiza Traspadini conquistaram a medalha de ouro na Copa Sul-Americana de Ginástica Rítmica 2026, disputada em Assunção, no Paraguai, na categoria Trio Adulto.

O grandes desafio enfrentado pelo trio capixaba, foi o pouco tempo de preparação. Para a medalhista Agatha Cuel, era difícil imaginar a conquista. “Foi difícil acreditar no início, conforme os treinos foram acontecendo, percebemos que tínhamos uma conexão muito forte

como equipe. Quando vimos que nossa série estava encaixando e que estávamos confiantes umas nas outras, entendemos que tínhamos chances reais de conquistar o ouro”, afirmou.

A preparação da equipe foi conduzida pelas treinadoras Gizela Batista, Angela Tardini e Luisa Gimenes, responsáveis pelo desenvolvimento técnico das atletas ao longo da temporada.

Em Assunção, Luisa Gimenes foi quem acompanhou a delegação e esteve ao lado do trio durante toda a competição e revelou a estratégia para preparar um trio competitivo em tão pouco tempo:

“As atletas já possuem muita experiência e uma excelente base técnica, o que fez toda a diferença.

Conseguimos direcionar os treinamentos para os ajustes mais importantes da série, refinando a execução, a sincronia e a parte artística. Foram treinos bastante intensos e específicos, que potencializaram o desempenho”, disse.

CONQUISTA DO OURO

As capixabas já haviam competido na configuração de trio no Campeonato Estadual, e o nervosismo afetou a performance na época. Já no Sul-Americano, no Paraguai, a energia era diferente.

“Uma dava força pra outra. Mesmo quando eu estava nervosa, tentava demonstrar tranquilidade para passar confiança para as meni-

nas. Tenho certeza de que elas fizeram o mesmo por mim. Essa união foi essencial para controlarmos a emoção antes da apresentação!”

Representando o Brasil na categoria Trio Adulto, as atletas garantiram o lugar mais alto do pódio, ao alcançarem a nota 22,500 na série de três bolas. “Foi uma mistura de felicidade, alívio e a certeza de que todo o nosso esforço tinha valido a pena”, revelou Agata.

Com uma apresentação de alto nível técnico, o trio brasileiro venceu a competição com ampla vantagem sobre as adversárias. O Chile ficou com a medalha de prata, somando 17,800 pontos, enquanto a Argentina conquistou o bronze com 16,950.

Projeto Social de Jiu-Jitsu é pódio

O PROJETO social de Jiu-Jitsu do Programa Cariacica Saudável subiu ao pódio no último domingo (5), conquistando a terceira colocação na categoria Projetos Sociais durante a Vitória Internacional Cup de Jiu-Jitsu Desportivo. O resultado coroa o trabalho desenvolvido com os atletas locais e reforça o impacto das iniciativas públicas voltadas ao esporte comunitário.

Lideradas pela instrutora Rayane Milk, as aulas têm se destacado não apenas pelo desempenho técnico nas competições, mas, principalmente pelo papel social



Atletas conquistaram o bronze na Vitória Internacional Cup

que desempenham no município, utilizando as artes marciais

como uma poderosa ferramenta de inclusão, disciplina, respeito

e transformação de vidas.

O secretário de Esportes de Cariacica, Edgar Teixeira, celebrou a conquista e destacou a importância de continuar descentralizando o acesso às modalidades esportivas. “Esse terceiro lugar é o reflexo do talento dos nossos atletas e mostra que estamos no caminho certo. O foco do Cariacica Saudável vai muito além das medalhas; nosso objetivo principal é formar cidadãos, promover a saúde e dar oportunidades para que nossos jovens descubram seu potencial através do esporte”, disse.

Irmãos Emerick se destacam na Copa SP

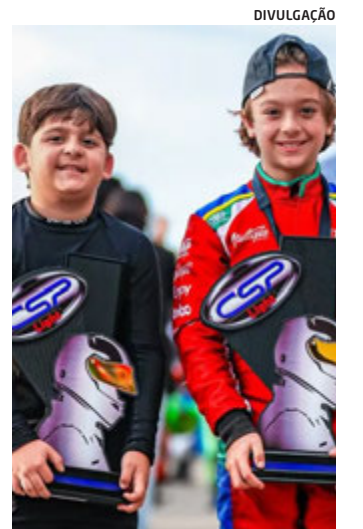
Os IRMÃOS capixabas Miguel e Joaquim Emerick voltaram a se destacar na Copa São Paulo Light de Kart ao conquistarem uma vitória e três pódios na 6ª etapa da competição, disputada no Kartódromo Ayrton Senna, em Interlagos. Os resultados mantêm a dupla entre os protagonistas de suas categorias na principal competição estadual do país.

Na categoria Mirim, Miguel Emerick mostrou poder de reação. Após garantir a segunda posição no treino classificatório, sofreu um toque logo na largada da primeira bateria, rodou e caiu para o 15º lugar. Com uma corrida de recuperação, terminou em oitavo. Na segunda prova, já com a pista seca, largou em oitavo, cruzou a linha de chegada em terceiro e assegurou o quinto lugar no pódio da etapa.

Joaquim voltou a competir em duas categorias. Na Cadete, fez o terceiro melhor tempo da classificação, terminou a primeira bateria em segundo, com a volta mais rápida da prova, e conquistou o título da etapa na soma dos resultados após liderar boa parte da corrida final.

Na Mini 2T, categoria da qual é líder, venceu a primeira bateria e esteve muito perto de repetir o resultado na segunda. Depois de retomar a liderança na penúltima volta, foi atingido por um adversário na última curva, rodou e caiu para a oitava colocação. Mesmo com o incidente, garantiu o terceiro lugar no pódio da etapa.

A próxima etapa da Copa São Paulo Light de Kart será disputada no dia 22 de agosto, novamente no Kartódromo Ayrton Senna, em Interlagos.



Os irmãos são protagonistas em suas categorias no kart

Artista cubana Yumi chega ao Estado para exposição

Artista amplia reconhecimento internacional da arte naif e expõe em Nova Venécia

GIULIANO DE MIRANDA
giulianohistoria@hotmail.com

A produção da artista cubana Yumileydis Lamas Ramirez, conhecida como Yumi, amplia sua presença no circuito latino-americano da arte naif por meio de exposições nacionais e internacionais e se prepara para participar da exposição Universo Criativo e Elas, que acontecerá entre os dias 13 de agosto e 18 de setembro, na Casa de Pedra do Perçetti, em Nova Venécia. Autodidata, a pintora construiu uma trajetória marcada pela valorização da natureza, da espiritualidade e das tradições populares, consolidando seu trabalho como uma das expressões contemporâneas da arte naif produzida em Cuba.

Nascida em 8 de maio de 1983, na cidade de Mella, Yumi iniciou sua produção artística em 2009. Desde então, desenvolve uma linguagem visual caracterizada por cores intensas, cenas do cotidiano e elementos simbólicos que, segundo a artista, são inspirados na paz encontrada na criação divina.

Ao longo da carreira, participou de diversas exposições coletivas e salões de arte naif de caráter nacional e internacional. Seu trabalho recebeu menções honrosas em importantes mostras dedicadas ao gênero, reconhecimento que ampliou sua projeção além das fronteiras cubanas.

A artista também passou a integrar acervos de instituições volta-



DIVULGAÇÃO

“Representar Cuba em exposições internacionais é uma das maiores alegrias da minha trajetória artística”

YUMI, artista

das à preservação da arte naif. Suas obras estão presentes no Museu de Arte Ingênua de Guarabira, na Paraíba, e no Museu Latino-Americano de Arte Naif, no Equador, reafirmando o intercâmbio cultural entre países da América Latina e a crescente circulação internacional de sua produção.

Como a pintura entrou na sua vida?

A pintura entrou na minha vida de maneira muito natural. Cresci em uma comunidade onde a arte fazia parte do cotidiano e era possível perceber o valor da criatividade e da expressão artística. Tive a oportunidade de conhecer um artista e acompanhar de perto seu trabalho, observando não apenas a técnica, mas também a dedicação e a paixão colocadas em cada obra. Essa convivência despertou em mim um profundo interesse pela pintura e me fez acreditar que eu também poderia expressar meus sentimentos por meio das cores e das formas.

Como sou autodidata, fui aprendendo aos poucos, pesquisando, experimentando materiais e desenvolvendo minha própria linguagem artística. Desde 2009, a pintura tornou-se parte inseparável da minha vida, não apenas como uma atividade criativa, mas como um caminho de crescimento pessoal, reflexão e comunicação com o mundo.

Como a espiritualidade inspira suas obras?

Minha espiritualidade está presente em tudo o que faço e ocupa um lugar central no meu processo criativo. A paz que encontro na minha comunhão com Deus é a principal fonte de inspiração para o meu trabalho.

Quando começo uma pintura, procuro estar em um estado de serenidade, porque acredito que a arte também transmite aquilo que o artista vive interiormente. Para mim, pintar é uma forma de agradecer pela vida, pela natureza e por todas as bênçãos que recebo diariamente.

Vejo a arte como uma ponte entre o divino e o humano, permitindo que sentimentos como amor, esperança, paz e gratidão sejam compartilhados com quem observa minhas obras. Mesmo quando retrato cenas simples do cotidiano ou paisagens, procuro revelar essa harmonia da criação, mostrando que a beleza também está nas pequenas coisas. Minha fé não limita minha arte; pelo contrário, amplia meu olhar sobre o mundo e fortalece meu compromisso de produzir obras que transmitam paz e



DIVULGAÇÃO

Arte de Yumi é marcada pela valorização da natureza, da espiritualidade e das tradições populares

sensibilidade.

O que significa representar Cuba em exposições internacionais?

Representar Cuba em exposições internacionais é uma das maiores alegrias da minha trajetória artística. É uma bênção e uma honra levar o nome do meu país a diferentes lugares do mundo por meio da arte.

Cada exposição representa a oportunidade de mostrar um pouco da cultura cubana, das nossas tradições, da nossa sensibilidade e da forma como enxergamos a vida. Também considero essas experiências momentos importantes de aprendizado, porque o contato com artistas de outras nacionalidades amplia nossos horizontes, cria novas amizades e promove uma rica troca de experiências.

A arte tem uma linguagem uni-

versal e consegue aproximar pessoas de culturas muito diferentes. Sempre participo desses eventos com gratidão, procurando representar meu país com respeito, responsabilidade e dedicação.

Como você avalia o momento da arte naif na América Latina?

Vejo a arte naif vivendo um momento muito positivo na América Latina. Percebo um interesse crescente por essa linguagem artística, tanto por parte dos artistas quanto de museus, galerias, colecionadores e do público.

A arte ingênua preserva características importantes da identidade latino-americana, como a valorização das tradições, da cultura popular, da vida cotidiana e das memórias de cada povo. Ao mesmo tempo, continua se renovando por meio de novos artistas, novas temáticas e diferentes

formas de expressão.

Acredito que ainda há muito espaço para seu crescimento e reconhecimento internacional, porque essa produção possui autenticidade, sensibilidade e riqueza cultural capazes de dialogar com pessoas de diferentes países. Fico feliz em fazer parte desse movimento e contribuir para que a arte ingênua continue conquistando novos espaços.

O que significa ter obras em museus do Brasil e do Equador e participar da exposição em Nova Venécia?

Ter obras integrando o acervo de museus no Brasil e no Equador representa um dos maiores reconhecimentos que um artista pode receber. Saber que meu trabalho será preservado por instituições dedicadas à valorização da arte ingênua é motivo de enorme gratidão e felicidade.

Também considero muito especial participar da exposição em Nova Venécia, porque ela amplia minha presença no Brasil e fortalece os laços culturais entre os dois países. Cada exposição abre novas possibilidades de encontro com pessoas que talvez nunca tivessem contato com minha produção artística.

Recebo tudo isso como uma bênção de Deus e como resultado de muito trabalho, dedicação e amor pela pintura. Espero continuar levando minha arte a novos espaços, sempre compartilhando mensagens de paz, esperança e beleza por meio das minhas obras.



DIVULGAÇÃO

Yumi: “a arte transmite aquilo que o artista vive interiormente”

Culinária do Brasil tempera o mundo

Da moqueca ao pão de queijo, a cozinha brasileira conquista paladares e inspira chefs ao redor do globo



RICARDO BODEVAN
@chefbodevan

A gastronomia brasileira vive um momento que há poucas décadas pareceria improvável. Por muito tempo, nossa cozinha foi vista de maneira folclórica, associada apenas a grandes festas, pratos “exóticos” ou curiosidades tropicais. Mas esse cenário mudou. Hoje, o Brasil não apenas consome influências de todos os cantos do mundo como também exporta, com orgulho, seus sabores, técnicas e ingredientes. É a globalização no prato — e dessa vez, com a colher cheia de tempero verde-amarelo.

A globalização culinária é uma estrada de mão dupla. De um lado, ingredientes e técnicas estrangeiras entram no Brasil, enriquecendo o que já temos. Do outro, nossos pratos cruzam fronteiras e conquistam mesas estreladas. Açaí servido em bowls nas ruas de Tóquio, pão de queijo disputado nas padarias de Paris, farofa acompanhando churrascos em Londres e, claro, a moqueca capixaba — delicada,

aromática, sem leite de coco, mas com coentro e panela de barro — despertando a curiosidade de chefs e críticos internacionais.

Esse intercâmbio também transforma a forma como nossos pratos são feitos fora do Brasil. Chefs brasileiros que atuam no exterior adaptam receitas ao contexto local, substituindo ingredientes sem perder a essência.

No Espírito Santo, esse movimento é ainda mais interessante porque temos uma cozinha que, desde sempre, é fruto da mistura: indígenas, africanos, portugueses, italianos e tantos outros povos deixaram marcas no nosso modo de cozinhar. A moqueca, por exemplo, é uma síntese perfeita dessa fusão cultural. Mas a globalização trouxe novas camadas: técnicas de panificação francesas, cortes de carne argentinos, cafés especiais das montanhas capixabas com reconhecimento internacional, e até toques da cozinha asiática entrando em cardápios locais.

Essa troca não é ameaça à tradição. Pelo contrário, ela mantém viva a curiosidade e estimula a reinvenção. O segredo está em entender que tradição e inovação não

precisam ser rivais — podem ser parceiros de cozinha.

IDENTIDADE

Manter a identidade é o grande desafio. A globalização gastronômica nos convida a pensar o Brasil como protagonista. Não apenas como quem aprende e absorve, mas como quem ensina e inspira. E isso só é possível porque nossa cozinha carrega pluralidade, biodiversidade e criatividade únicas.

O risco da globalização é quando, na tentativa de agradar, a autenticidade se perde. Mas quando se mantém o respeito às raízes, globalizar não significa diluir, e sim espalhar. É permitir que um cliente em Berlim descubra que moqueca capixaba não leva leite de coco, que o tucupi do tacacá precisa ferver para perder o veneno natural, que o feijão tropeiro conta uma história de tropeiros e estradas, não apenas uma receita.

Quanto mais o mundo provar do Brasil, mais vai entender que somos um país de mil cozinhas, todas brasileiras, todas legítimas. E que no sabor — seja no quintal de casa ou no outro lado do planeta — o Brasil é gigante.

ACAÍ NA TIGELA COM TOQUE ASIÁTICO

DIVULGAÇÃO



Ingredientes :

- 400 g de polpa de açaí congelada (sem açúcar ou adoçada, conforme preferência)
- 1 banana madura
- 100 ml de chá verde gelado (substitui parte do suco tradicional, trazendo frescor e leve amargor)
- 1 colher (sopa) de mel ou xarope de agave
- 2 colheres (sopa) de granola

- 1 colher (sopa) de sementes de gergelim tostadas
- 4 fatias finas de manga
- 4 fatias finas de kiwi
- 1 colher (sopa) de coco ralado sem açúcar

Modo de fazer:

1. No liquidificador, bata a polpa de açaí com a banana, o chá verde e o mel até obter uma mistura cremosa.

2. Despeje em duas tigelas.
3. Decore cada uma com granola, gergelim, fatias de manga, kiwi e coco ralado.
4. Sirva imediatamente, bem gelado.

Dica do Chef: o chá verde e o gergelim trazem um perfume e textura típicos da culinária asiática, criando uma experiência que une Brasil e Japão na mesma colher.



COLUNA DO VINHO

GUSTAVO DEBORTOLI)) @gustavodebortoli

Por que pequenos produtores fazem vinhos tão especiais?

Quando escolhemos uma garrafa de vinho, muitas vezes nos sentimos atraídos por produtores, regiões famosas ou marcas reconhecidas mundialmente.



MARCELO ANDRADE

Mas existe um universo fascinante além dos rótulos mais conhecidos: o dos pequenos produtores, com suas histórias e formas únicas de fazer vinho.

Diferente das grandes vinícolas, que frequentemente precisam atender a volumes gigantes e padrões de produção, os pequenos produtores costumam trabalhar com uma escala menor, permitindo uma maior atenção aos pequenos detalhes. Cada etapa do processo, desde o cuidado com as vinhas até a elaboração do vinho, recebe um olhar personalíssimo.

Um dos grandes diferenciais está na relação com o terroir. Esse conceito, tão importante no mundo do vinho, representa a combinação entre solo, clima, altitude, exposição solar e a própria identidade do local onde as uvas são cultivadas. Pequenos produtores geralmente têm uma ligação profunda com suas terras e buscam expressar no vinho as características únicas daquele ambiente, em vez de simplesmente reproduzir um estilo comercial.

Outro aspecto marcante é a liberdade criativa. Muitos produtores artesanais trabalham com variedades menos conhecidas, técnicas tradicionais ou métodos de produção que fogem do padrão. Isso permite descobrir vinhos diferentes, com personalidade própria, que carregam uma assinatura e contam uma história.

Essa busca pela autenticidade também aparece na menor in-

tervenção durante a produção. Alguns pequenos produtores optam por fermentações naturais, menor uso de correções ou períodos mais longos de amadurecimento, respeitando o ritmo do vinho. O resultado muitas vezes são rótulos com mais identidade, capazes de transmitir uma sensação de lugar e de origem.

Mas o encanto desses vinhos não está apenas em sua técnica, mas também na história por trás de cada garrafa. Muitas vezes encontramos famílias que cultivam vinhedos há gerações, produtores que recuperaram antigas variedades de uvas ou enólogos que escolheram seguir um caminho próprio em busca de expressão e qualidade.

É importante lembrar que vir de um pequeno produtor não significa automaticamente que o vinho será melhor. Existem excelentes produtores em todas as escalas. O verdadeiro diferencial está no cuidado, na filosofia de trabalho e na capacidade de transformar aquele vinho em uma experiência única.

Descobrir pequenos produtores é ampliar o olhar sobre o vinho. É fugir do óbvio e encontrar rótulos que surpreendem, emocionam e revelam novas possibilidades. Cada garrafa se torna uma viagem ao lugar, às pessoas e às histórias que fizeram aquele momento chegar até a sua taça.

E talvez seja justamente essa a maior magia do vinho: quanto mais conhecemos, mais percebemos que sempre existem coisas novas por descobrir.



**Você
sempre bem
informado!**

Seja no digital
ou impresso,
**a gente te conecta
com a notícia.**



 **ESHOJE**[®]

eshoje.com.br

COMO ECONOMIZAR DINHEIRO? DICAS SIMPLES!

PUBLICAÇÃO LEGAL - IMPRESSO E DIGITAL AQUI.

